

Taubaté, 13,5,1905

Rangel:

Alegrou-me o correio de hoje, porque pressenti no calhamaço resposta á penultima; mas como não fazes menção dessa carta, estou a supor que se desmandasse pelo caminho, como má carta que era. Se te queixas de trabalho em excesso, que direi eu, vítima do excesso oposto, *surménage de faineantise*? Como cansa, estafa, uma vida desocupada, vazia duma grande tarefa construtora, duma batalha a ganhar cujos detalhes nos encham do bom cansaço suarento e corado, criador dos sonos de pedra e de esperança aos montes! Esta nossa vida de grama branqueada sob um tijolo, que rastreia a luz de lá fora, vida toda cerebro, a ruminar ideias num merecismo de dromedario e afastada de toda a Ação\_ e dentro das leis organicas viver é agir\_ esta vida nossa, Rangel, é pura monstruosidade. Faz de nós plantas de estufa, falseia-nos a natureza, afrouxa-nos os andaimes. E tão falta de compensações! A maior compensação para uma vida que se desenvolve é a consciencia do progresso desse desenvolvimento; e como ter consciencia de qualquer progresso se a lentidão do nosso evoluir psicologico lembra a marcha do ponteiro pequeno dos relógios? A gente sabe que o ponteirinho está andando, mas não vê marcha nenhuma.

Você tem a grande *besogne*, o amor, um Moloch que devora tudo quanto nossas faculdades produzem, mas o teu mal está em que o teu Moloch é um Moloch literario. E fóra do Amor, do Jogo e do Alcool, não sei de outra paixão que encha por completo uma vida. Ricardo enche a sua com a tonteira do sonho; tirem-lhe isso e ele morrerá de vacuo... Tu pretendes encher a tua com Amor, mas esse teu amor é pouco para o teu tonel e daí a razão dos “enchimentos”\_ literatura, trabalho, etc. Inutil. Irás pela vida em fora, *cahin-caha, clopin-clopant*, e chegarás aos Sete Pés sempre com o tonel a meio.

Ando agora estudando Napoleão, o homem de maior tonel interno que jamais existiu. Em Santa Helena, a sua conversação com Las Casas, que o taquigrafou, é um continuo desenrolar de planos do que ele ia fazer, isto é, do que ele necessitava fazer para dar ao Moloch interno o repasto exigido. Privado da ação naquele penedo, o Moloch matou-o.

Que tanto Moloch! É que ontem estive conversando *Salambô* com um velho filosofo daqui e hoje topei no *Minarete* com um artigo *Moloch*. Quer dizer que por estes dias o *jongleur* do meu trapezio do Braz Cubas vai ser essa palavra. Antes foi *abbatteur de besogne*. Que expressão nossa diz o mesmo? Sugere-me um pescoço enorme, ombros colossais, uma coragem de trabalho á Balzac ou Dumas. E tens a audacia de atirar-me á cara essa expressão tremenda, a mim que sou graminea desclorofilada e murcha...

Vai o Darwin e um maço de *Minarettes*. Lê neles: “O Brasil, hoje”, a brincadeira Nero-Olga, “Côr”, “Trubsal? Trube” e “Pedro II e a Manada” (causou escandalo).

Adeus.

LOBATO